

ráter coletivo; o que ofereceria oportunidade para o rompimento do "status quo" atual desfavorável ao negro.

Trata-se do mecanismo da "exceção que confirma a regra", ou seja o negro poderá "subir" socialmente não o fazendo por negligência, preguiça etc., segundo a ideologia dos "Branços". Portanto, o negro que ascende socialmente, especialmente o de classe média "branqueia" e nada reivindica ou contesta, comportando-se de forma "cortez" e "calculista" diante do "Branco", descomprometido, portanto, com seus iguais de raça e classe.

O grupo branco dominante se comporta de forma insensível diante do drama do negro e não permitiu que os movimentos políticos do meio negro se desenvolvessem, embora os negros não contestassem a "ordem social vigente" e simplesmente propugnassem por uma reforma dentro da ordem de uma sociedade capitalista. Ao contrário, esses movimentos do "meio negro" foram vistos como "racismo" dos negros que estariam ameaçando a existência do "paraíso racial" brasileiro e assim foram tratados como um caso de polícia, pois o negro estaria "esquecendo o seu lugar".

Por outro lado, o autor não nega a ocorrência de certas condições vantajosas que dariam ao Brasil possibilidades de se tornar uma verdadeira democracia, não em função do processo de mestiçagem que se verificou historicamente, pois está comprovado que a miscigenação não exclui a existência de preconceitos e barreiras raciais no Brasil.

Finalmente, a posição do negro na sociedade brasileira decorre do fato da abolição da escravidão ter sido uma revolução feita do Branco e para o Branco, à revelia da população negra e mulata, a qual não recebeu nenhuma indenização ou preparo para enfrentar o "trabalho livre na pátria livre".

Assim se revela ao grande público mais uma faceta da já bem estudada e caracterizada incongruência da ideologia racial brasileira e da imagem do Brasil exposta aos olhos dos próprios brasileiros e do mundo com a amarga realidade racial, já denunciada em outros momentos por Bastide, Nogueira, Ianni, F. H. Cardoso, Borges Pereira, Costa Pinto e outros. — **Romero Ximenes Ponte.**

FIGUEIREDO, Guilherme — **PARIS, 14 Rue de Tilsitt.** Editora Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1975.

A SAGA DA TRADICIONAL FAMILIA CAMPINEIRA

Por certo que discretos bocejos não chegavam a comprometer o êxito dos saraus familiares. Entretanto, já menos tediosos eram os "assustados" no Clube Campineiro, além dos quais o chope encolarinhado da *Cidade Múnchem* no Largo da Catedral ou do *Christofani*, na então badalada rua Barão de Jaguará, constituíam os extremos daquele quadro de bom comportamento.

Para ultrapassá-lo, só mesmo os fazendeiros-barões, que numa escapulida periódica até Paris, logo ali, desrotinizavam o provincianismo daquela vidinha.

Esse vaivém até a festa parisiense acabou por criar um folclore no Velho Oeste Paulista, até hoje curtido com certa prosápia por algumas famílias locais e agora recuperado pela sensibilidade de Guilherme Figueiredo em seu último romance (*).

Na moderna literatura brasileira, o autor é um caso singular pela variedade e riqueza de suas produções, onde o teatro, a ficção, a poesia e o humor compõem um perfil de refinamento.

Acreditamos que tenha sido esta a primeira vez em sua obra, que se volta para a terra, para a sua terra, como objeto da criação artística. E o faz surpreendendo o processo interiorano de urbanização da sociedade paulista, num discurso literário marcado pelo humor, finura e erudição.

Hoje, aquele burgo acanhado já não é mais o mesmo. Nestes últimos cinquenta anos a transformação foi radical, curiosamente espiada do alto da torre da Catedral pelos dois pares de anjos trombeteiros, que agora entretanto se vêem obrigados a dirigir o olhar para cima, espantados com as indiscrições dos apartamentos de cobertura dos edifícios que os cercam...

O romance paulista tem apresentado algumas explorações bem sucedidas da realidade urbana, mas se contendo nesse sentido, quase sempre, no espaço metropolitano, i.e., da capital. A hinterlândia, hoje uma palavra cujo total desgaste chega a dar urticária, foi melhor aproveitado como tema, através do *décor* rural, justamente a partir da galeria de agentes sociais, da paisagem e de um certo estilo de vida, que no campo adquirem cores que costumam seduzir mais os nossos ficcionistas.

Muito embora a urdidura de *Paris: Rua de Tilsitt* não se desenrole totalmente no cenário campineiro — este apenas se apresenta de maneira preambular — na verdade o que foi montado nesse sentido constitui demonstração suficientemente expressiva do que a ficção paulista pode aproveitar, oferecendo uma resposta para o que o romance nordestino e o sulino realizaram e realizam com o *back-ground* urbano daquelas regiões.

Partindo da verificação de que a matéria glosada por Guilherme Figueiredo foi retirada de uma realidade histórica concreta, embora nessa transposição o tempo cronológico tenha sido bastante subvertido e a técnica de colagem dos personagens de ficção com aqueles que são reais empolgue o livro, o romance conseguiu apanhar bem as contradições do processo de incorporação da elite cafeeira à organização social da cidade.

A velha aristocracia é surpreendida numa etapa de racionalização periférica do capitalismo, onde o lazer e o refinamento no convívio social já ocupam um lugar incomparavelmente superior àquele que lhes é destinado ou simplesmente subtraído nas camadas dominantes do Vale do Paraíba, contraditando portanto a generalização proposta por interpretações recentes.

Nesse sentido, os fazendeiros de café do Velho Oeste Paulista respondem mais e de maneira mais rápida às imposições do sistema.

Menos talvez que a manifesta esclerose cerebral que afeta o coronel Antonio Ramalho, foi a transição da sociedade em que ele se fizera homem a maior responsável pelo papel que então lhe cabe representar, isto é, passear o seu furioso perambulismo na matriz mertopolitana do sistema.

Mas, é claro que o romance está longe de se resumir a uma crítica de costumes. Utilizando a palavra, o pensamento e os atos de uma coleção que vai do viajante ao cientista francês e do diplomata ao turista brasileiro, Guilherme Figueiredo procura detectar os desniveis com que se cruzam os interesses do Brasil e da França. Consegue assim alcançar, com precisão crítica, além da postura diplomática e dos circuitos turísticos as implicações que têm marcado a história das relações entre ambos os países. — José Roberto de Amaral Lapa.